

SEMANA DA MULHER NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO: FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS, DE 2003 A 2022

Ana Beatriz de Araújo Silva Nascimento
Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UNICAP
ana.2022608035@unicap.br

Em virtude de mais de três séculos de existência e resistência, promovendo mudanças sociais e políticas para combater as desigualdades oriundas do sistema colonial patriarcal, observa-se um momento de entendimento e conscientização acerca do feminismo. No entanto, não há como planejar o futuro e analisar o tempo presente, sem olhar para o passado, sem sabermos pelo que passaram as ativistas feministas em prol da causa e, o percurso realizado até a atualidade. Nesse sentido, tendo como referência a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), o presente artigo pretende apresentar a história do movimento de mulheres, através da trajetória da "Semana da Mulher na UNICAP", no período de 2003 a 2022. Utilizou-se como fonte primária, ao Boletim Unicap. Apesar da Semana da Mulher ser considerada uma referência para o ativismo feminista na Universidade, identificou-se lacunas na recuperação das informações referentes às edições iniciais do evento, indicando a necessidade de preservação destas memórias para que as ações e produções das mulheres na Academia não sejam esquecidas.

Palavras-chave: Feminismo na Universidade. Memória coletiva. UNICAP.

Introdução

Durante muito tempo ser feminista era sinônimo de ser feia, mal-amada, masculinizada

e ressentida. Joana Maria Pedro[1] (PEDRO, 2012) explica que os jornais no início do século XX eram enfáticos em disseminar tais rótulos na tentativa da banalização e inferiorização do movimento feminista. Contudo, esse movimento existe e resiste por mais de três séculos promovendo mudanças sociais e políticas no combate às desigualdades e ao sistema colonial e patriarcal que insiste em invisibilizar e oprimir as mulheres.

Mais do que a simples oposição ao sistema patriarcal, o *Feminismo* existe e se apoia, na identificação da mulher enquanto grupo sistematicamente oprimido e, na reivindicação de direitos e oportunidades. Como afirma a feminista bell hooks[2] (HOOKS, 2020, p. 17) é " um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão". Nesse sentido, segundo Djamila Ribeiro (RIBEIRO, 2018) "o feminismo deve contemplar todas as mulheres, [sendo necessário] perceber que não dá pra lutar contra uma opressão e alimentar outra". Já Márcia Tiburi (TIBURI, 2021, p. 11) em sua obra "Feminismo em comum" amplia o campo de abrangência do movimento, destacando que o "feminismo nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos". A autora ainda justifica o uso dos termos todas, todes e todos, direcionando o conceito de "todas" para as mulheres como pioneiras na luta, "todes" representando a abertura de espaço para outras identificações de gênero e "todos" como símbolo do processo democrático de humanização.

Nesta linha de raciocínio, Djamila Ribeiro (RIBEIRO, 2018) enfatiza a necessidade de se conceituar e compreender o patriarcado e todo sistema opressivo que o fortalece e complementa: "não dá para lutar contra o que não se pode dar nome [...]. E quando não se sabe de onde vem, é mais fácil ir para onde a máscara diz que é o seu lugar". A máscara também é mencionada por Grada Kilomba (KILOMBA, 2019, p. 33) em sua obra "Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano" transportando-nos ao período colonial e à imagem da mulher escravizada Anastácia, que teve sua boca silenciada por um instrumento de metal amarrado com cordas em torno do queixo, do nariz e da testa. A máscara simbolizava a tortura

[1] Para identificação de gênero e visibilização da mulher enquanto produtora de pesquisa, todas as autoras e autores foram citados neste projeto com o nome completo, seguido da chamada autor/data, conforme recomenda a ABNT NBR- 10520/2002 (Citação em documentos).

[2] bell hooks é o pseudônimo da teórica feminista e escritora Gloria Jean Watkins, criado em homenagem a sua vó materna Bell Blair Hooks. O nome deve ser inscrito em letras minúsculas, pois conforme a autora desloca o foco da figura autoral para suas ideias. Faleceu em 15 de dezembro de 2021.

da não expressão, do silêncio e do medo.

Sobre esse silêncio que acompanhou as mulheres por séculos, a historiadora Michelle Perrot (PERROT, 2005) esclarece que o sistema patriarcal arcaico responde pela autoria deste acontecimento, no entanto este ciclo de opressão e privação de liberdade associado à religião contribuiu para o condicionamento massivo das mulheres, desse modo, afirma que:

> o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo, maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem nem ao menos penetrar na hora das orações. [...] Silêncio até mesmo na vida privada (PERROT, 2005, p. 10).

Evidentemente, ao mesmo tempo que sofriam opressão, haviam as que não se conformaram e não aceitavam essas determinações. Mesmo que timidamente, suas vozes podiam ser ouvidas em casa, nos vilarejos ou misturadas ao barulho do mercado. O silêncio refletia a disciplina do mundo, das famílias, dos corpos, da sociedade.

Reforça Michelle Perrot (2005, p.33) que o silêncio se expande para a narrativa histórica, uma vez que tradicionalmente há uma restrição de espaço para mulher uma vez que se "privilegia a cena pública, ou seja, a política, a guerra - onde elas aparecem pouco".

No entanto, este silêncio vem sendo quebrado cotidianamente pelo *Feminismo* através do combate às diversas formas de opressão. Dentre essas alternativas de enfrentamento, aponta-se a conscientização da mulher acerca do seu papel social e político, na desconstrução de preconceitos e no combate violência de gênero. E este posicionamento se deve principalmente à crescente inserção da mulher na Academia, que certa forma estimulou a produção de conhecimentos sob uma ótica de gênero, aproximou as Instituições de Ensino da realidade e mudou a forma de se fazer ciência, uma vez que este lugar de fala era predominantemente masculino.

Um espaço para as mulheres na Universidade Católica de Pernambuco

Contar a história da UNICAP sob uma perspectiva feminista e identificar a participação das mulheres na evolução da Universidade, requer um trabalho árduo de investigação. Conforme Nikolas Corrent (CORRENT, 2022, p.331), a história das mulheres silenciada e depreciada pela historiografia, foi ressignificada apenas no final da década de 1960, com o advento da história

oral. Ciente das possíveis lacunas historiográficas, inclusive nas documentações salvaguardadas pela instituição, a proposta é apresentar a história da Universidade, com ênfase em acontecimentos comprovados oficialmente e que tenham relação com a *Semana da Mulher.* Neste método foi incorporada a história de quatro mulheres que contribuíram para a construção da ideia de Universidade que existe hoje. As fontes utilizadas foram portarias, resoluções e atos de nomeação, disponíveis no acervo da Biblioteca da instituição.

A UNICAP teve sua origem no início do século XX, em um contexto de poucas instituições de ensino superior e potencial expansão da cidade de Recife, devido às suas condições geográficas, as lideranças eclesiásticas católicas foram adotando, paulatinamente, iniciativas para a fundação de uma Universidade. Entre as razões que impulsionaram tais iniciativas estava a preocupação com a formação acadêmica e espiritual de alunos formados pelo Colégio Nóbrega e o atendimento a um público masculino[3] já inserido no mercado de trabalho e que precisava contar com uma instituição com funcionamento noturno (CABRAL, 2013).

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega foi autorizada a funcionar pelo Decreto-Lei nº 421, de 23 de março de 1943 e representou a primeira decisão estratégica dessa instituição que passou a ofertar, além do ensino básico, o ensino superior. Por determinação do Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, cujo art. 5º foi reeditado pelo Decreto-Lei nº 8.457, de 26 de dezembro de 1945, conforme explica Cabral (2013) havia a exigência de que uma universidade brasileira deveria ser constituída por três institutos de ensino superior, sendo dois deles obrigatoriamente: Faculdade de Filosofia, Direito, Medicina ou Engenharia.

A legislação vigente, em conjunto com o baixo desempenho da Faculdade Manoel da Nóbrega, impulsionou uma outra decisão estratégica que consistiu na união da Faculdade Manoel da Nóbrega à Faculdade de Ciências Econômicas, reconhecida pelo Decreto nº 28.818, de 31 de outubro de 1950, que já funcionava no Recife, e à Escola Politécnica de Pernambuco para constituir, em 27 de setembro de 1951, a UNICAP, conforme Decreto nº 30.417, de 18 de janeiro de 1952 (CABRAL, 2013).

[3] Entre as instituições de ensino superior existentes, também foi de iniciativa católica a fundação da Faculdade de Filosofia do Recife – FAFIRE, em 1941, para mulheres.

No decorrer de sua história, a Universidade foi marcada por crises financeiras, reestruturação administrativa, expansões prediais e pela criação de novos cursos e serviços ofertados à comunidade[4]. No entanto, alguns destes serviços foram considerados imprescindíveis para a formação e fortalecimento do movimento de mulheres na Universidade, a saber:

a) elaboração da Carta de Princípios;
b) criação do núcleo de estudos especializados em gênero, enfrentamento à violência contra a mulher e direitos humanos;
c) fundação do Instituto Humanitas Unicap;
d) titulação de Universidade Comunitária;
e) consórcio *Woman in Science* realizado em parceria com a *British Council.*

A elaboração da Carta de Princípios (UNICAP, 1995) surgiu como resultado de uma dinâmica de criação coletiva realizada na quinta edição da Semana de Estudos Docentes, em 1995. Trata-se de um documento que serve de referência para as decisões administrativas, pois sintetiza a missão cristã e educacional da instituição, sem perder o foco na qualidade dos serviços prestados e no retorno social à região na qual está inserida. Por conseguinte, a dimensão comunitária, explicitada na Carta de Princípios, respaldou a criação do projeto *Semana da Mulher na UNICAP.*

A criação do "Núcleo de estudos especializados em gênero, enfrentamento à violência contra a mulher e direitos humanos", vinculado à Pró-reitoria Acadêmica e sob acompanhamento da Cátedra UNESCO UNICAP Dom Helder de Direitos Humanos foi um produto destinado à escuta e acolhimento de mulheres e homossexuais em situação de violência, decorrente da mudança de pensamento institucional e do avanço na criação de políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero. O núcleo foi criado em 27 de agosto de 2009, de acordo com a Resolução 002/2009 (UNICAP, 2009) e extinto em 13 de março de 2012, conforme Portaria 030/2012 (UNICAP, 2012).

[4] Para saber mais sobre a história da Unicap sugere-se a leitura dos seguintes artigos: "Nascida no coração da Igreja e no centro do Recife: Universidade Católica de Pernambuco, educação superior católica de qualidade desde 1943", de autoria do historiador Newton Darwin de Andrade Cabral e " Universidade Católica de Pernambuco: subsídios para sua história", de autoria do Pe. Ferdinand de Azevedo, S.J., disponível na Revista Symposium, Recife, v. 18, n. 2, p. 5-25, 1976.

A fundação do Instituto Humanitas foi considerada um marco na história da Semana da Mulher na Unicap. Por ter por objetivo principal o estabelecimento de um espaço de reflexão nas fronteiras do conhecimento e ser um canal aberto no diálogo com a cultura e a sociedade, compreendendo três níveis intimamente entrelaçados: o entendimento da realidade, a responsabilidade por esta realidade e a intervenção nela, como um instrumento de efetiva transformação social, identificou-se com a natureza das ações desenvolvidas na Semana da Mulher e passou a acompanhar e apoiar a iniciativa, transformando-a em um projeto de extensão. Visando alcançar seus objetivos, as atividades do IHU são desenvolvidas em torno de seis pólos temático: 1) Teologia, Ciência e Cultura; 2) Mercado, Pobreza e Desigualdades; 3) Ecologia, Desenvolvimento e Sociedade Sustentável; 4) Gênero, Diversidade e questão Étnico-racial; 5) Democracia, Sociedade e Políticas Públicas; 6) Espiritualidade Inaciana, Acompanhamento e Serviço da fé. O instituto foi criado em 19 de maio de 2010 conforme Resolução 033/2018 (UNICAP, 2018), com efeito retroativo à data supracitada.

A Universidade Católica de Pernambuco foi qualificada como Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), um ano após a promulgação da Lei 12881, de 12/11/2013 (BRASIL, 2013). Importante ressaltar que esta qualificação resultou na ampliação do compromisso institucional com a prática social, ou seja, foi estimulada a prática do trabalho educativo como uma missão social que se realiza efetivamente na interação com a comunidade. Posto isto, a Semana da Mulher abraça essas condições, uma vez que trata-se de uma ação aberta à participação da comunidade e com envolvimento dos corpos docente e discente.

Quanto ao projeto "*Women in Science* – de Liverpool ao Brasil"**,** refere-se a um consórcio transatlântico de intercâmbio de conhecimento cujo intuito é implementar mudanças políticas e promover as mulheres cientistas na Instituição. O consórcio foi formalizado com base na Portaria 034/2022 (UNICAP, 2022). Dos 24 membros do consórcio, há cinco representantes da Semana da Mulher, são elas as professoras Roberta Richard Pinto, Carla Patrícia Pacheco Teixeira, Marta Lúcia Rolim, Valdenice José Raimundo e Valdênia Brito Monteiro.

O ato de pesquisar acontecimentos significativos entrelaçados com a luta feminista na Universidade é comparado à montagem de um quebra-cabeça, algumas peças são facilmente encaixáveis, outras nem tanto, requerem um esforço maior, de concentração e revisão dos percursos e das peças já montadas. Diante deste tabuleiro, não há como deixar de perguntar: será que nessas peças incompletas, se encaixa a história das mulheres, uma vez que o espaço

acadêmico, assim como os demais públicos, foi um privilégio por muito tempo exclusivo aos homens? Independente da dificuldade de localizar as mulheres como sujeitos históricos da Instituição, buscou-se através da pesquisa em documentos oficiais, tais como portarias, atos e resoluções, apontar as que contribuíram e fizeram parte da Administração Superior, encerrando esta parte do artigo. Foram estas:

Maria Lúzia da Costa, professora, nomeada em **16/02/1970**, a primeira diretora da Faculdade de Educação recém inaugurada na Universidade. Foi ex-aluna, formada em Pedagogia, em 1964. Fez pós-graduação em "Orientação Educacional", também pela Universidade, curso de Recursos Humanos para a educação, na Universidade de Loyola, nos Estados Unidos; e Administração e Planejamento na escola moderna, na Universidade Federal de Pernambuco e Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire).	**Maria de Fátima da Rocha Brekenfeild**, professora, formada em Economia pela Unicap e com MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas. Foi nomeada em 12/01/1998 para o cargo de Pró-reitora Comunitária, através de ato de nomeação nº 04/98, assinado pelo Chanceler Pe. Ferdinand Azevedo, S.J. Foi a primeira mulher a participar da Gestão Superior coordenando a Pró-reitoria Comunitária. Permaneceu na função até 2008.

Aline Maria Grego Lins, formada em jornalismo pela Unicap (1981) e pedagogia pela UFPE (1985). Fez Mestrado em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (1993) e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2000). Antes de iniciar a carreira acadêmica, trabalhou em importantes veículos de comunicação do estado, como a Rede Globo Nordeste (1982-1987) e Tv Jornal (1989-1996). Foi a segunda mulher a participar da Gestão Superior, ocupando a função de Pró-reitora Acadêmica, a partir de 18 de janeiro de 2010, até janeiro de 2018. Também foi a primeira mulher a assumir a Reitoria da Universidade, na ausência do titular, em 2010.	**Valdenice José Raimundo,** formada em Educação Religiosa pelo Seminário Batista do Recife (1988), graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco, onde fez mestrado e doutorado na mesma área. Em 2012 foi contratada pela Unicap, após ter sido professora visitante em alguns cursos de especialização da área de Serviço Social. Coordenou o projeto Criança Esperança (2016) e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) desde 2010. Em 2018 recebeu o convite para assumir a Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação, sendo nomeada pelo Ato n°02/2018, de 18 de janeiro.

A origem da Semana da Mulher na UNICAP

A UNICAP, por meio de sua dimensão comunitária, respaldada na Carta de Princípios, se projeta

> [...] como espaço para a vivência da democracia que não pressupõe o consenso permanente, mas fundamentalmente garante a expressão da **diversidade na pluralidade** [...]. Onde, enfim, ninguém é mero instrumento ou objeto da política da instituição, mas todos são sujeitos livres e responsáveis num processo de educação libertadora. (UNICAP, 1995, grifo nosso).

Essa conduta institucional corroborou para a criação de um projeto de extensão chamado "Semana da Mulher na UNICAP" (SMU), evento inspirado inicialmente nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, mas que ampliou seu campo de atuação, promovendo ações de empoderamento e protagonismo da mulher no campus.

Ao longo de 20 anos, um grupo de mulheres vinculado à UNICAP, vem construindo uma identidade institucional na defesa dos direitos da mulher, na visibilização da produção acadêmica feminista, no debate e proposição de ações que envolvam a comunidade universitária e a sociedade na luta contra o machismo, sexismo e violência de gênero, através da realização da Semana da Mulher na UNICAP.

No entanto, essa trajetória teve sua origem marcada pela comemoração do Dia Internacional da Mulher, organizada pela Divisão de Ação Pastoral, através da realização de uma celebração eucarística, desde março de 2001. Em 2002, além da celebração, houve um micro evento em formato de palestra abordando a temática da Campanha da Fraternidade daquele ano: Fraternidade e Povos Indígenas". De forma isolada, alguns departamentos também realizaram palestras, painéis e mesas redondas. "A Semana da Mulher surge a partir do desejo de se articular, ampliar e coordenar essas atividades num só evento"[5]. A Professora Elizabeth Siqueira, vinculada ao curso de Letras, procurou a Pastoral que, segundo ela, era o elo irradiador na Universidade, para que assumisse a coordenação dessa atividade.

Com isto, a partir de 2003, a Semana da Mulher estreia como uma ação extensionista, pensada por mulheres e para reflexão e conscientização da comunidade acadêmica e sociedade acerca das reivindicações feministas.

---

[5] Essa narrativa faz parte de texto não publicado, escrito pela professora Elizabeth Angélica Santos Siqueira, pertencente ao acervo pessoal de Irmã Maria do Rozário Cláudio, uma das fundadoras da Semana da Mulher na Unicap.

A SMU tem por objetivo geral propiciar um espaço de reflexão coletiva, no âmbito da academia e da sociedade, colaborando para o esclarecimento e compreensão de determinados temas que constituem desafios para a mulher, enquanto mãe, companheira, trabalhadora, filha, esposa, amiga, estudante. De forma específica, direciona-se para disseminação do saber acadêmico, por meio de conferências, painéis, mesa redonda, recitais, entre outros formatos e para o alcance social de informações sobre a realidade das mulheres, suas pautas e urgências. Questões referentes à conscientização e valorização da mulher enquanto cidadã, à violência de gênero, à luta contra o machismo e o sexismo foram pautas recorrentes em várias edições da Semana.

Vale enfatizar que, a SMU antecedeu ações governamentais históricas tais como: a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2003), a realização da 1ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), a elaboração do I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), o Programa Mulher e Ciência (2005), além da Lei Maria da Penha, nº 11.340 (2006). As primeiras mulheres a fazer parte deste grupo foram: Irmã Rozário, as professoras Elizabeth Siqueira, Janice Albuquerque, Maristela Velozo e a bibliotecária Ana Beatriz Nascimento.

A SMU, em 2022 alcançou a 20ª edição e é coordenada desde 2010 pelo Instituto Humanitas Unicap. Atualmente conta com a parceria de diversas Organizações da Sociedade Civil. O projeto debate as pautas feministas à luz da Campanha da Fraternidade, divulgada anualmente pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Cronologia da Semana da Mulher na Unicap

2002 - A Divisão de Ação Pastoral organizou um dia de palestras em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, com uma programação voltada ao debate sobre a realidade e reivindicações dos povos originários, com base no tema da Campanha da Fraternidade - **Fraternidade e Povos Indígenas.**

2003 - Inspirada na ação de 2002, a Divisão de Ação Pastoral em parceria com professoras e funcionárias de outros setores da Universidade, criaram um evento transdisciplinar denominado Semana da Mulher na UNICAP (SMU) cuja temática de trabalho foi **Fraternidade e Pessoas Idosas - vida, dignidade e esperança.** O objetivo do evento foi sensibilizar a comunidade acadêmica no cuidado às pessoas idosas, construindo novas formas de relação com

base no respeito e garantias de direitos.

2004 - A 2ª edição da SMU foi planejada a partir do tema **Fraternidade e Água.** O objetivo foi debater sobre sustentabilidade e direito à água, como fonte de vida.

2005 - A 3ª edição da SMU teve como tema **"Mulher, arte, solidariedade e paz".** A reflexão e partilha do evento foi sobre a condição da mulher, sua interioridade feminina e a sua mística no enfrentamento aos desafios do cotidiano.

2006 - A 4ª edição da SMU teve como tema **"Mulher, talento, mudança e inclusão social"**, cujo objetivo foi trabalhar com a inclusão social da mulher na literatura e nas artes.

2007 - A 5ª edição da SMU teve como tema **"Mulher, vida e missão neste chão"**. Nesta edição as reflexões foram norteadas pelas questões ambientais e sociais que ameaçavam o maior patrimônio natural do mundo, a Amazônia.

2008 - A 6ª edição da SMU recebeu a temática **"Mulher em defesa da vida"** cujo objetivo foi abrir a discussão acerca da violência contra a mulher, inclusive no espaço acadêmico e familiar.

2009 - A 7ª edição da SMU traz como tema **"Mulher clamando justiça em busca de paz"**. O objetivo foi estimular a discussão sobre o combate à violência contra a mulher e refletir sobre a necessidade de elaboração de políticas públicas mais eficientes.

2010 - A 8ª edição da SMU fez alusão ao tema **"Fraternidade, Economia e Vida"**, cujo objetivo da semana foi debater sobre a promoção de uma economia a serviço da vida, fundamentada na construção de uma sociedade mais justa.

2011 - A 9ª edição da SMU se debruçou sobre o cuidado com a vida, com o planeta, com a casa e o corpo da mulher, trazendo a temática **"Cuidar da vida, cuidar do mundo".**

2012 - Na 10ª edição a SMU apresenta o tema **"Mulher, fraternidade e saúde".**

2013 - A 11ª edição da SMU aborda a temática **"Juventude e dignidade"** reforçando a discussão da violência contra a mulher, associada ao tráfico de mulheres e à exploração sexual, voltada em especial para mulheres jovens e adolescentes.

2014 - A 12ª edição da SMU teve por objetivo refletir o tema **"Exploração sexual e tráfico de pessoas"**, com apoio do Ministério Público de Brasília e de Pernambuco.

2015 - A 13ª edição da SMU apresentou o tema **"Protagonismo e invisibilidade"**, com objetivo de oportunizar a reflexão sobre o protagonismo e a invisibilidade da mulher nos espaços de poder e decisão.

2016 - A 14ª edição da SMU, com o tema **"Mulher, vulnerabilidade e justiça socioambiental"** teve por objetivo oportunizar a reflexão sobre a importância do protagonismo da mulher na construção de uma consciência ética ambiental, tendo como base uma sociedade global e sustentável.

2017 - A 15ª edição abordou a temática **"Mulher - celebrando a caminhada pela vida e contra a violência"** com a construção da memória da trajetória de 15 anos da Semana da Mulher.

2018 - A 16ª edição abraça a temática **"Superando a violência: desafio para as políticas públicas de proteção à mulher"** cujo objetivo foi construir um diálogo permanente com a sociedade civil para superação dos diversos tipos de violência contra mulher.

2019 - A 17ª edição da SMU teve como tema **"Mulher e desafios familiares: um diálogo com as políticas públicas"** cujo objetivo foi aprofundar o debate sobre a responsabilização da mulher nas chamadas novas organizações familiares.

2020 - A 18ª edição, excepcionalmente realizada em formato remoto, devido à pandemia da Covid-19, trouxe como temática **"Mulher e Educação: o caminho para transformação"** para discutir com a sociedade o empoderamento da mulher por meio de uma educação libertadora.

2021 - Na 19ª edição da SMU a discussão central foi o enfrentamento da violência estrutural contra a mulher instalada na sociedade, por meio da temática **"Diálogo e denúncia no enfrentamento ao feminicídio".**

2022 - A 20ª edição da SMU traz para o debate o impacto das políticas públicas de educação na vida das mulheres em um contexto pandêmico, por meio da temática **"Impactos da pandemia na vida das mulheres no contexto da educação".**

Metodologia

O Boletim Unicap é o informativo oficial diário da Universidade criado em 2002, e administrado pela Assessoria de Comunicação. Responde pela cobertura jornalística e registro de imagem dos eventos ocorridos na Instituição. Para análise dos dados, definiu-se como percurso metodológico, a pesquisa documental, com abordagem descritiva e análise qualitativa.

Essa escolha tem por base a definição formulada por Eva Maria Lakatos (2021, p.202):

> pesquisa documental é a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios, e fontes estatísticas.

Utilizar-se-á a referida metodologia para coleta de dados das reportagens publicada no Boletim Unicap, no período de 2003 a 2022. O enfoque qualitativo será aplicado para explorar, conforme Antonio Carlos Gil (GIL, 2019), os aspectos de natureza subjetiva, de características mais complexas e não-quantificáveis, como comportamentos, sentimentos e opiniões.

Resultados e análises

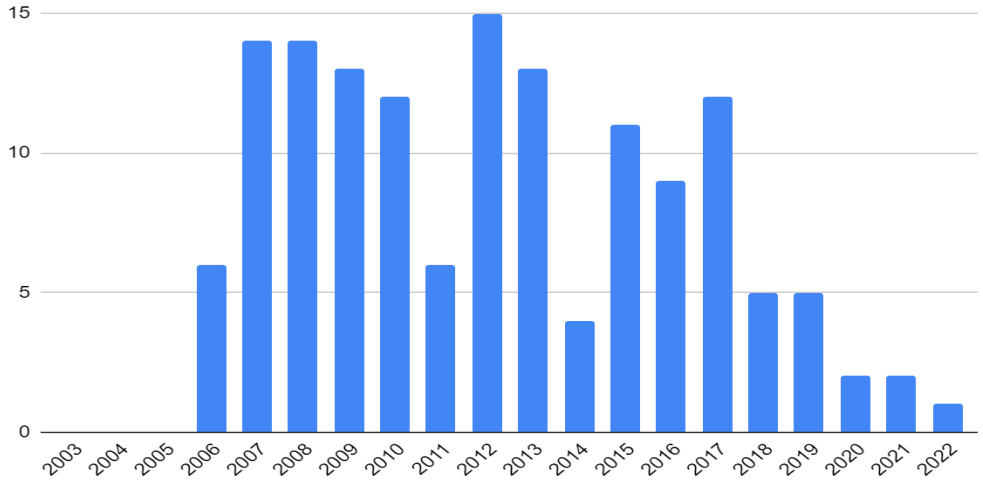
Dos boletins analisados, constatou-se a existência de dois formatos de publicação, um impresso e o outro, eletrônico. No entanto, o primeiro formato, não foi localizado. As edições impressas correspondem ao período de 2002 a maio de 2005 e, as eletrônicas, de junho de 2005 até o ano de 2020. Quanto ao acesso eletrônico das publicações, encontra-se em quatro endereços eletrônicos, a saber:

Endereços	**Período das reportagens**
www.unicap.br/assecom	2005 a 2006
www.unicap.br/assecom2	2006 2010
www1.unicap.br/assecom1	Março de 2010 a novembro de 2020
www.portal.unicap.br/noticias	2021 até o presente

Além das edições não recuperadas, soma-se a estas lacunas a dificuldade na recuperação das reportagens, tendo em vista que as edições eletrônicas estão fracionadas em vários endereços, criados devido às mudanças de acesso ao portal institucional. Soma-se a esta restrição, a falta do recurso do redirecionamento de links.

Quanto aos resultados das buscas no período de 2020 a 2022, conforme gráfico a seguir, observa-se o número reduzido de publicações, certamente devido aos impactos da pandemia da Covid-19.

Gráfico 1 - Reportagens do Boletim Unicap sobre a SMU (2003 a 2022)



Fonte: a autora

Dos boletins analisados, percebeu-se que as publicações referentes ao período de 2003 a 2005 não se encontram disponíveis, ou pelo menos acessíveis em meio eletrônico. Também não foram localizadas na versão impressa. Desta forma, infere-se que, as três primeiras edições da Semana da Mulher, se foram registradas e documentadas, não estão acessíveis.

Das publicações disponibilizadas foram mapeadas as referentes ao mês de março, período em que ocorreu o evento. Excepcionalmente no ano de 2020, em virtude do funcionamento da Universidade, após fase crítica da pandemia da Covid-19, a SMU aconteceu nos dias 21 e 22 de outubro.

Lançando-se um olhar para o gráfico percebe-se a falta de linearidade no quantitativo de publicações resultantes da cobertura jornalística institucional do evento, tendo em vista o crescente número de atividades resultante da ampliação da programação do evento ao longo dos anos. Por fim, observa-se lacunas que configuram esquecimento da memória do evento em duas instâncias: a ausência de cobertura do evento e a falta de acesso aos registros.

Considerações

A história se escreve de várias formas e se utiliza de diversas fontes. Quanto à história das mulheres não é diferente. As fontes tradicionais de pesquisa tais como os registros bibliográficos nem sempre revelam a totalidade historiográfica, questão identificada ao se analisar os registros sobre a SMU no Boletim oficial da própria instituição. Apesar da Semana

da Mulher ser considerada uma referência para o ativismo feminista na Universidade, com ampla divulgação e registro oficial das programações, parte do material correspondente às edições iniciais do evento não se encontra disponível para consulta.

Diante do exposto, o resgate da memória e do esquecimento da história das mulheres da UNICAP se faz importante para reafirmar as lutas e reivindicações iniciadas desde os primórdios da instituição, desde que as mulheres começaram a entender seu papel e a requerer sua equidade enquanto ser de direitos.

Em quase 80 anos de instituição, apenas quatro mulheres ocuparam cargos administrativos na gestão superior. Tal fato revela que, mesmo com os avanços conquistados a partir do movimento feminista, há muitos caminhos a se percorrer. Nessa perspectiva, a preservação da memória coletiva da SMU é necessária e urgente, sobretudo para evitar que as ações e produções das mulheres na Academia sejam apagadas. Mostrar tais fatos estimula o debate sobre o exercício de homens e mulheres na sociedade. Por sua vez, esse é o papel da história, lembrar fatos esquecidos ou de esquecimentos ideologicamente propostos.

Referências

BRASIL. Presidência. **Lei 12881, de 12 de novembro de 2013**. Dispõe sobre a definição, qualificação, prerrogativas e finalidades das Instituições Comunitárias de Educação Superior - ICES, disciplina o Termo de Parceria e dá outras providências. Disponível em:encurtador.com.br/eDRV3. Acesso em: 30 nov. 2022.

CABRAL, Newton Darwin Andrade. Nascida do coração da Igreja no centro do Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 70 anos de Educação Superior Católica . **PARALELLUS** Revista de Estudos de Religião - UNICAP, Recife, v. 4, n.7, p.79 - 94, 2013.

CORRENT, Nikolas. História oral & história das mulheres: entre silenciamentos e memórias. **História e Cultura - Dossiê Temático**, São Paulo, v.11, p. 325-338, n.1, jul/2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7.ed. São Paulo: Grupo GEN, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 9. ed. São Paulo: Atlas 2021.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de "Segunda Onda": corpo, prazer e trabalho. *In:* PINSK, Carla Bazanessi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres.** São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** São Paulo: Edusc, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum para todas, todes e todos.** 15.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. **Carta de Princípios.** Recife: UNICAP, 1995.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. Diretoria. **Resolução 002/2009,** de 27 de agosto de 2009. Cria o Núcleo de Estudos Especializados em Gênero, Enfrentamento à Violência Contra a Mulher e Direitos Humanos GENDHE, fixa as suas atribuições e dá outras providências. Recife: UNICAP, 2009.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. Diretoria. **Resolução 003/2018,** de 8 de fevereiro de 2018. Cria o Instituto Humanitas Unicap - IHU, fixa suas atribuições e dá outras providências. Recife: UNICAP, 2018.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. Presidência. **Portaria 030/2012,** de 13 de março de 2012. Exonera Coordenadora do NÚCLEO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS EM GÊNERO, ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E DIREITOS HUMANOS - GENDHE. Recife: UNICAP, 2012.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. Reitoria. **Portaria 034/2022,** de 15 de março de 2022. Cria Grupo de Trabalho, fixa suas atribuições e dá outras providências. Recife: UNICAP, 2022.